

# MITO E RECRIAÇÃO LITERÁRIA: UMA LEITURA DO ROMANCE *INÊS DE CASTRO* (2006), DE MARÍA PILAR QUERALT DEL HIERRO

**MYTH AND LITERARY RECREATION: A READING OF THE NOVEL *INÊS DE CASTRO* (2006), BY MARÍA PILAR QUERALT DEL HIERRO**

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v15i30p129-155>

Simone dos Santos Alves Ferreira<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo analisa o romance *Inês de Castro*, da autora María Pilar Queralt del Hierro, com o intuito de observar como o mito acerca da história de Inês de Castro é elaborado nessa produção literária. Para ancorar teoricamente nossa análise, valemo-nos das discussões de Mircea Eliade, sobre o mito em uma perspectiva mais abrangente, e de Victor Jabouille, por tratar especificamente do mito no contexto português. O romance nos traz uma narrativa que revive o mito de amor entre Inês e Pedro I, trazendo outros olhares acerca dos episódios que mitificaram os amantes.

## PALAVRAS-CHAVE

Inês de Castro; Mito literário; María Pilar Queralt del Hierro.

## ABSTRACT

The present essay analyzes the novel *Inês de Castro*, by María Pilar Queralt del Hierro, in order to observe how the myth about the story of Inês de Castro is elaborated in this literary production. To theoretically anchor our analysis, we make use of discussions by Mircea Eliade about the myth in a broader perspective and Victor Jabouille for specifically dealing with the myth in the Portuguese context. The novel brings us a narrative that revives the myth of love between Inês and Pedro I, bringing other perspectives on the episodes that mythologized the lovers.

## KEYWORDS

*Inês de Castro*; Literary myth; María Pilar Queralt del Hierro.

<sup>1</sup> Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, Paraíba, Brasil.

## INÊS DE CASTRO NA HISTÓRIA E NA LITERATURA: CONSIDERAÇÕES<sup>1</sup>

Inês de Castro viveu no início do século XIV e pertencia à alta nobreza de Castela. Seu pai era neto por via ilegítima de D. Sancho IV de Castela, sendo um dos fidalgos mais poderosos do reino, no entanto, carregava em sua linhagem a bastardia. Na verdade, pouco se sabe quem foi Inês de Castro, “para muitos historiadores foi uma mulher hábil e intriguista [...]. Para poetas e dramaturgos, tratou-se de uma mulher belíssima que fez despertar e viveu uma das paixões mais arrebatadoras da história” (Del Hierro, 2006, p. 143). Os diversos documentos que relatam sua biografia não contribuem significativamente para aclarar quem foi tal personalidade e seu envolvimento nas problemáticas políticas do reino português. O que ajudou a fixar sua história foi a lenda que se criou em torno do relacionamento que teve com o rei Pedro I. Então, graças à arte e à literatura, conhecemos pormenores da vida dessa mulher. No entanto, nesse âmbito, conserva-se o poder da ficção, da imaginação e da criação dos mitos e das lendas, que se propagaram ao longo dos séculos.

Para Souza (1987), “a personalidade de Inês é totalmente desconhecida”. Sua trajetória se encontra nessas duas linhas de pensamento postas acima: a que a torna uma mulher de uma beleza incomensurável e a outra que a considera como intriguista e ambiciosa. O que se sabe é que viveu por volta de 1320 em terras galegas, foi criada na corte do infante D. João Manuel e levada a Portugal como dama de companhia de Constança Manuel quando esta se casa com Pedro. Lá, envolve-se amorosamente com o esposo de Constança, sua senhora. Esse amor, por ser ilegítimo, causa intrigas na corte, levando o rei Afonso IV com receio de perder o trono para territórios castelhanos, mandar executar Inês. A forma da morte continua sem resposta. Alguns estudiosos apontam que foi decapitada; outros que foi apunhalada no peito. Após a morte da amante, Pedro revela que havia casado com Inês em segredo, e, a partir disso, fê-la rainha postumamente. Tais fatos são exaustivamente discutidos

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte da minha dissertação de Mestrado intitulada *Mito e criação literária: o repensar paródico dos mitos inesiano e isabelino*, defendida em 2016. Analisei os romances *Inês de Castro* (2006) e *Memórias da rainha santa* (2009) da escritora espanhola María Pilar Queralt del Hierro, tendo por objetivo observar como as narrativas ressignificaram os mitos das rainhas portuguesas, Isabel de Aragão e Inês de Castro, numa perspectiva paródica, tomando por base os pressupostos teóricos da estudiosa canadense Linda Hutcheon.

em documentos históricos, cada um apresentando diferenças e interpretações que, de certa maneira, ajudaram a consolidar Inês de Castro no âmbito da história e da arte em geral.

O episódio de Inês de Castro teve lugar de relevo nas crônicas de Fernão Lopes e dos historiadores que se lhe seguiam. A literatura portuguesa dedicou-lhe obras importantes desde o início do século XVI, e até aos nossos dias autores nacionais e estrangeiros não deixaram perder um assunto que, sujeito às interpretações mais variadas, a condicionantes sociais, políticas e estéticas de índole diversa, demonstrou potencialidades infinitas, de que resultara obras sempre capazes de agradar e mesmo de fazer escola (Souza, 1987, p. 433).

Como dito, é no âmbito da arte que Inês se fixa como personalidade importante no cenário português, principalmente no que concerne ao assunto amoroso.

Como tema literário, revelou-se um verdadeiro fenômeno: uma vez descoberto, todas as épocas lhe viram interesse, cada inovação fez a sua escola, as obras de maior êxito encontraram repetidamente tradutores e adaptadores. O caráter excepcional de certos aspectos e a liberdade que a fluidez da personagem dava à imaginação do artista são por certo as razões mais claras do sucesso internacional. Mas uma visão de conjunto faz ressaltar certos pontos fulcrais e percursos que é pelo menos interessante analisar, deixando falar os textos, sobretudo alguns que, menos conhecidos, trazem novos dados ou variantes significativas (Souza, 1987, p. 12).

Nesse sentido, a criatividade de cada produção artística fez com que o tema ganhasse grandes contornos em toda a Europa. A invenção de aspectos contraditórios a respeito da história de Inês, como, por exemplo, a forma de sua morte e a relação afetuosa com Pedro, atraía a atenção do público leitor em grandes proporções. Além dos aspectos históricos a serem ressignificados e modificados no âmbito artístico, houve também a invenção de muitos outros pontos a fim de sensibilizar o público. A literatura, então, ficou a cargo de esmiuçar e criar o que os documentos históricos ignoraram, digamos, preencher as lacunas. Assim,

Tanto para a história como para a literatura – numa palavra, para a tradição – a verdade é que o episódio de Inês de Castro é algo que mais de seis séculos não conseguiram ainda esgotar, e nessa medida se justifica que sobre ele se continue a pensar e escrever (Souza, 1987, p. 434).

Cabe ressaltar que as crônicas medievais também são referentes importantes que divulgaram o tema inesiano. Os cronistas renomados Fernão Lopes e Rui de Pina deram suporte ao desenvolvimento do tema por meio da objetividade de suas crônicas, e, a partir daí, os interessados os tomam como ponto de partida para suas produções. A primeira referência literária aos amores de Pedro e Inês, conforme Souza (1987), foi feita por David ben Yom Tov Ibn Bilia, judeu português, que viveu em Coimbra no século XIV. Mas é com as Trovas de Garcia de Resende, publicadas em 1516, que Inês e Pedro se tornam “definitivamente personagens míticos, ultrapassando de longe a sua restrita dimensão histórica. A partir desta data são inúmeros os textos, em Portugal e no estrangeiro, que os elegem como tema principal” (Marinho, 1990, p. 104). Outra referência crucial para a propagação da história de Inês é o canto III de *Os Lusíadas* de Luiz Vaz de Camões, em 1572.

Nesses escritos, os literatos trazem os episódios marcantes que se tornaram mitos no que se refere à história dos amantes portugueses. A força trágica da história também suscitou o interesse de António Ferreira que, em 1558, traz à luz a primeira obra dramática do teatro português, a tragédia *A Castro*. Depois dessas produções iniciais, o tema se difunde por outras localidades, chegando ao Século de Ouro espanhol com Lope de Vega e o drama *Inés de Castro* e com Luis Vélez de Guevara e *Reinar Después de morir* em 1625. Na França, o tema se faz presente nas produções de escritores renomados, como Victor Hugo e Madame de Genlis, adentrando a ópera, no solo italiano, e difundindo-se também na pintura e nos cinemas, nos séculos XIX e XX.

Conforme Souza (1985), depois de Camões, o primeiro a tratar da cena da coroação de Inês de Castro foi o espanhol Luis Vélez de Guevara, com a peça teatral citada acima, que ganhou grande repercussão e, por isso, sua obra foi objeto de diversas adaptações, principalmente portuguesas. Depois de ser mencionada no grande poema épico da língua portuguesa, *Os Lusíadas*, foi por meio de Guevara que a coroação póstuma se espalhou pela Europa.

O período romântico teve seu contributo ao tratar Inês como a heroína romântica, apaixonada, levada por um sentimento arrebatador, e Pedro como a figura “apaixonada, violenta, vingativa, cruel, que correspondia, afinal, ao modelo do herói romântico satânico, byroniano” (Souza, 1987, p. 283). Nesse momento, procuravam-se encontrar outros

polos de interesse acerca de uma história há muito contada. Por isso, o Romantismo tendo como linha de força a nostalgia, o cenário medieval faz renascer a história dos portugueses, seja na literatura, na pintura ou no drama. O retorno ao medievo torna propício o interesse dos românticos pela história dos amores de Pedro e Inês, já que apresentava paixão, tragicidade, amor e morte, aspectos bem relevantes no período que, posteriormente, foi denominado de “o mal do século”. Por isso, numa esfera trágica, os romances desenvolvidos a partir desse período fizeram jus ao amor para além da morte, concretizando, assim, com mais ênfase o mito acerca dos personagens portugueses.

A partir do século XVIII, há um grande número de obras publicadas sobre o assunto. Autores como Afonso Lopes Vieira, Aníbal Fernandes Tomás, Antero de Figueiredo e Vieira Natividade engajam-se na propagação da história do casal, procurando dar um toque de sentimentalidade ao trágico fim de Inês de Castro e ao personagem Pedro como o homem apaixonado e melancólico pela separação da amada. Pela valorização do passado medieval no romantismo, tem-se a confirmação do protótipo inesiano, a mulher bela e vítima inocente, cujo pecado consistia em amar em demasia um futuro rei, a quem o estado não permitia uma união com uma mulher que não fosse da alta nobreza. A luta entre o bem e o mal e a promessa do amor para além da morte têm servido de inspiração literária, perpassando o imaginário dos poetas ao longo do tempo, o que confirma o mito do amor dos apaixonados Pedro e Inês.

No século XXI, são muitas as produções que se debruçam sobre a figura emblemática de Inês de Castro. Comungando história e ficção em diferentes gêneros, fazem surgir nuances diferenciadas acerca de sua história. A título de exemplo, podemos citar alguns romances históricos portugueses: *A trança de Inês* (2001), de Rosa Lobato Faria; *A rainha morta e o rei saudade* (2003), de António Candido Franco; e *Inês de Castro: a estalagem dos assombros* (2006), de Seomara da Veiga Ferreira. Ademais, as ressonâncias do mito inesiano perpassam os séculos, os tempos e os espaços, continuando vivo no imaginário ocidental, sendo objeto de produções artísticas, bem como de estudos acadêmico-científicos.

## MITO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Desde a mitologia grega, com histórias fabulosas de deuses e heróis, posteriormente em Roma, o mito se estendeu significativamente

pelas civilizações antigas e modernas. Na contemporaneidade, temos diversas acepções quando se trata do termo “mito”, não só voltado para o contexto fabuloso ou do sagrado. Para Victor Jabouille (1994), o conhecimento da mitologia grega e romana permite a compreensão da evolução e/ou conceitos acerca do termo “mito”, pois seu estudo começa no Ocidente europeu quando há uma reflexão dos poemas homéricos: “O historiador Heródoto considera o mito como uma das suas fontes históricas, mas uma fonte que, por ser oral e tradicional, é preciso encarar de um modo crítico” (Jabouille, 1994, p. 22).

Conforme o autor supracitado, a discussão teórica acerca do mito começa com os primeiros filósofos gregos, desde Platão e Aristóteles, e passa a ser apresentada de acordo com o ponto de vista mais condizente com a realidade de cada um. Enquanto Platão encarava o mito como uma narrativa simbólica e significativa; Aristóteles o via como fábula, enredo, elemento mais importante da tragédia. No geral, o mito remetia a um estudo de conhecimento, esclarecimento e, por conseguinte, interpretação de algo. Passando da Antiguidade para a Idade Média, o que se propaga é a mitologia voltada para o cristianismo.

No período renascentista, o retorno dos ideais da Antiguidade Clássica possibilita o regresso dos mitos gregos. Jabouille (1994, p. 55) afirma que:

O Renascimento “revive” o espírito antigo e nele o mito também tem um papel importante. Salientemos, porém, que, sob o ponto de vista mitológico, não assistimos a um renascimento dos deuses e heróis, mas, sim, a um fortalecer, num percurso que passa pela Idade Média, dos deuses, um fortalecer com imagens belas e grandiosas. Os deuses de facto não tinham desaparecido da memória e da imaginação dos homens. Prosseguindo o espírito medieval, os deuses do Renascimento são ainda figuras didáticas.

É a partir do renascimento que há uma ressignificação do conceito de mito, que vai sendo aprimorado até a contemporaneidade. A partir do século XX, o termo começa a transitar como parte integrante da vida do homem, e os estudos sobre mitologia destacam-se significativamente. Nos dias de hoje, o mito adentra em diversas abordagens, ganhando uma nova dimensão, ora com a reatualização de mitos antigos, ora com a criação de novos mitos, conferindo criatividade ao remeter a aspectos sociais. Enfim, seja “materializado na literatura, na pintura, na escultura, na tradição

popular ou no cotidiano, o mito é, em suma, uma realidade cultural que se assume como um meio de o Homem se *conhecer a si próprio*" (Jabouille, 1994, p. 92, grifos no original).

Para Mircea Eliade (2006), os eruditos ocidentais passaram a estudar o mito como uma história verdadeira e sagrada. Conforme o estudioso:

O mito conta uma história sagrada ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Ele narra, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir [...]. É portanto, a narrativa de uma criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser (Eliade, 2006, p. 11).

O mito na esteira de Eliade é uma história sagrada e verdadeira, com tempo e lugares propícios para se manifestar. Refere-se à mensagem que a divindade profere a alguém, sua manifestação é a epifania ou hierofania e o que aconteceu *ab origine* poderá ser reatualizado, lembrado por meio dos ritos, visto que conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. "Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecem" (Eliade, 2006, p. 18). Esse conceito de Eliade nos lembra da aparição do divino nas narrativas bíblicas e suas ritualizações.

O mito tem seu conceito modificado ao estar em contato com contextos diversos e, por isso, a dificuldade em defini-lo com concretude, visto que, ao longo do tempo, "o assunto foi ganhando complexidade e gerando polêmicas à medida que novas teorias eram formuladas ou novas técnicas eram postas em prática para sondar os vários ângulos da questão" (Moisés, 2013, p. 308).

Em se tratando da literatura, presenciamos um regresso dos mitos e não apenas tratando de deuses consagrados, mas de personalidades que obtiveram destaque durante um legado aclamado, que as tornaram importantes nas sociedades que viveram ou que se tornaram famosas por alguma questão específica. Para Souza (2010), o mito literário torna-se um recurso poético que ressurgue por meio das narrativas, representando toda uma coletividade.

Para Jabouille (1993, p. 21), "a literatura, além de divulgar o mito, é o elemento principal que possibilita a sua permanência, o seu desenvolvimento e actualização". Pensando no objetivo deste artigo, Inês

de Castro é uma personalidade que se tornou mito da cultura portuguesa ganhando repercussão, tanto na literatura quanto na história, pelos episódios memoráveis em torno de sua vida. Inês de Castro tornou-se reconhecida, por meio de obras literárias, pela propagação do mito do amor romântico, em romances, poemas, peças teatrais que declaravam o amor que vivenciou com Pedro I, rei de Portugal. Nesse sentido, a propagação na literatura atualiza e, ao mesmo tempo, ressignifica a história, pois “o mito é, de facto, o reflexo de cada época e, desse modo, afirma-se em contínua actualização” (Jabouille, 1993, p. 23).

Jabouille (1993) corrobora que, ao se falar na permanência de um mito, supõe-se mencionar a análise dos temas e na sua evolução. A morte na história de Inês ganha significância, pois, conforme Brunel (2005, p. 386), “impregnada de mistério, favorável ao indizível, ao inexplicável e ao sagrado, a morte cria assim um contexto em que o mito pode naturalmente se formar”. Por conseguinte, o mito literário é sempre elaborado e funciona como um elemento da identidade cultural. Por isso as imagens míticas de Inês estão na memória coletiva de uma nação e perpassadas ao longo do tempo.

Victor Jabouille (1994, p. 40) menciona que, a partir do século XX, “o mito é, mais que nunca, esse ‘nada que é tudo’, que não sabemos definir, porque é tão vasto que engloba quase tudo o que o imaginário humano produziu ao longo dos séculos”. Com o intuito de sistematizar os modos de materialização dos mitos na literatura, o autor propõe uma seleção de como o mito antigo permanece na literatura.

- Traduções (totais ou parciais) de textos antigos de temática mitológica;
- Adaptações (totais ou parciais) de textos antigos de temática mitológica;
- Referências ocasionais ou selectas, passíveis de compreensão simbólica ou acção exploratória;
- Elemento de enriquecimento estético, sem acção exploratória;
- Suporte para difusão de ideias;
- Elemento demonstrativo de exemplaridade;
- Prefiguração de acções, de atitudes e de personagens;
- Materialização renovada de temas, de estruturas e de personagens;
- Elemento de erudição pedante (Jabouille, 1993, p. 42).

Observamos, a partir do esquema acima, que o mito de Inês se reatualiza na literatura em quase todos os pontos elencados. O papel das



forma, contribui para a propagação do mito que envolve a história dos amantes. Conforme os comentários do professor José Hermano Saraiva em seu programa “Histórias que o tempo apagou”<sup>3</sup>, cada historiador encontrou seu sentido para tais inscrições, desde interpretações como “esse é o fim do mundo”, de Frei Fortunato Boaventura, “uma despedida angustiada até ao fim do mundo”, de Vieira Natividade, e “espero o fim do mundo” de António de Vasconcelos. Quatro historiadores ilustres criaram uma interpretação diferente para tal inscrição. Portanto, para o professor Saraiva, o que mais se aproximou da verdade foi Vieira Natividade, pois retrata uma espécie de jura de amor para além da própria morte.

Os túmulos foram construídos frente a frente e, conforme dita a lenda, foram idealizados dessa forma para que, no dia do Juízo Final, ao levantar-se da sepultura, Pedro e Inês se contemplassem. Além disso, a estátua no mausoléu apresenta Inês sendo coroada por dois anjos. Podemos acrescentar ainda que os túmulos do casal representam um sentimento de separação, saudade e esperança de um reencontro na eternidade. Ali, Pedro desejava eternizar sua amada, tornando-a símbolo de rememoração.

Quanto à morte de Inês, convém salientar, levando em consideração as colocações de Marinho (1990), que se não tivesse sido executada de forma tão cruel e naquelas circunstâncias, nada a distinguiria de outras pessoas, seria apenas uma amante do rei. Nesse sentido, “a execução de Inês serve-a mais do que a prejudica e a figura de Pedro é a do homem que ajudou, de toda a sua actuação posterior, à construção do mito e a sua separação da História” (Marinho, 1990, p. 135). Inês torna-se imortal porque a sua história propagou-se ao longo dos séculos, principalmente no meio literário, por isso, consoante Marinho (1990), ela renasce a cada momento, quando alguém se propõe a estudar os pormenores de sua vida ou ainda subverter os episódios míticos que a tornaram tão admirada. O imaginário que permeia tais episódios seduziu e ainda seduz leitores de todas as épocas. A literatura, inegavelmente, tem contribuído como a grande divulgadora do mito inesiano sob a perspectiva do amor imaculado.

Outro ponto relevante para a história de Inês de Castro e, conseqüentemente, para a difusão do mito do amor romântico, refere-se à entrevista que teve com o rei Afonso IV, argumentando e pedindo-lhe clemência para que não a executasse. Tal entrevista é reescrita em diversos

---

<sup>3</sup> Vídeos disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=BF7TJKs-KBI>

romances e lembrada de ter sido mencionada n' *Os Lusíadas*. Para Souza (1987, p. 54), "devemos ver em Camões não o eco dessa tradição, mas antes um artifício poético para dar maior dimensão trágica à frágil Inês, subjugada as forças incontrolláveis – os furores do povo e do destino". Inês e Pedro "tornaram-se 'um dos símbolos em que a alma de Portugal se reconhecia', transcenderam os limites do real, encarnando o mito do amor para além da morte" (Souza, 1985, p. 16).

Convém mencionar que o amor, desde a Idade Média, foi o grande inspirador do artista literário, pois é nesse período que vamos encontrar os grandes casos amorosos criados e revividos na literatura, como Abelardo e Heloísa e Tristão e Isolda. Muitos até tornaram-se lendários e, por isso, ainda lembrados e ressignificados por meio da arte. Desde a poesia lírica à prosa, entre outros gêneros, o amor encantou poetas e escritores engajados em tal temática. Por isso, vemos histórias de casais que desejavam a imortalidade e daí surgiu o mito do amor para além da morte. Com o casal português, não foi diferente: Inês e Pedro buscavam na contemplação mútua idealizar e vivenciar um amor que se perpetuasse para além da vida.

Temos, então, como fonte da propagação do mito inesiano: a lenda da coroa póstuma, o amor arrebatador e idealizado de ambos, a morte trágica e a eternização do amor para além da morte através dos túmulos. Vejamos como Pilar del Hierro usa a história, a lenda e o imaginário para construir a sua narrativa sobre o casal português. A autora traz em sua narrativa os episódios míticos, no entanto, incorpora elementos de dúvidas e suposições, a fim de convidar o leitor a repensar e a reavaliar a história que se formou em torno do casal.

Na obra *Inês de Castro* (2006), a autora opta por um caráter mais objetivo em relação a essa cerimônia. Apenas relata que Pedro coroa Inês postumamente com toda solenidade.

Quando era dia claro, reuniu a corte. A todos surpreendeu ver no centro da sala o féretro anoso, rodeado por quatro círios e quatro oficiais da guarda real. À cabeceira, uma cruz. Aos pés, sobre uma almofada de veludo carmesim, a coroa das rainhas de Portugal.

Um a um, desfilaram cortesãos e ministros, homens bons e servidores. Todos tentavam não olhar para o interior do catafalco, mas um gesto inquisidor do seu Rei obrigava-os a fazer o que não queriam. Depois, por imperativo real, deviam inclinar-se diante dele e exclamar:  
– Salve, D. Inês de Portugal.





isso, não se apercebem de um cavaleiro que os seguia. É justamente esse personagem que, de certa forma, torna-se fulcral para todo o desenvolvimento do enredo.

Tão entretidos iam, um a falar e outro a ouvir, que nem se aperceberam dos passos de um cavaleiro que os seguia, embora a uma distância respeitosa. Parecia fidalgo. Trazia uma grande capa de veludo castanho, um pouco fora de moda, que o cobri quase por completo. Dela só se destacava uma espada finamente lavrada que, ao roçar de encontro às ferragens que lhe adornavam a bora, produzia um tilintar fastidioso e monótono (Del Hierro, 2006, p. 17).

Nessa citação, observamos algumas pistas acerca desse cavaleiro misterioso que nos levam ao entendimento de quem verdadeiramente se tratava. Por ora, cabe atentarmos para as seguintes informações: a capa de veludo fora de moda, a espada e a aparência fidalga. Tais indícios apontam para um sujeito de outro tempo e pertencente a uma classe social prestigiada.

Assim que Luis e Lope chegam na taberna, o cavaleiro se aproxima e diz a que veio:

venho a seguir-vos desde a casa de Sánchez de Vargas e, correndo o risco de parecer intrometido e impertinente, creio que posso ajudar-vos.

– Ajudar-me: Vós, a quem acabo de conhecer e que vindes de tão longínquas terras?

– Sim, meu amigo. Tenho uma história, uma bela história que fala de traições e guerras, ambições e amizades. Que fala, enfim, de um amor mais poderoso que a morte. Uma história que começa em Espanha, acaba em Portugal e que, pela emoção que transmite, se converte em universal. [...]

– [...] Apenas devo divulgá-la. A vós, D. Luis, compete escrevê-la. Deveis explicá-la de forma a que toque o coração das pessoas e restabeleça o bom nome daquela que, de tão formosa, foi coroada rainha depois de morta (Del Hierro, 2006, p. 22-23).

A partir desse momento, o cavaleiro misterioso toma a voz narrativa e conta a história de Pedro e Inês, a fim de ser convertida em um texto literário sob a pena de Luis Vélez de Guevara. Toda a história elaborada no romance tem uma aura de mistério em alguns momentos, começando pela figura emblemática desse cavaleiro que confere a Vélez uma oportunidade para se reestabelecer no meio literário, desde outros

aspectos que comentaremos mais à frente. Como Vélez estava em um momento de dificuldade, pois não encontrava tema para seduzir o olhar leitor do seu tempo, o cavaleiro lhe oferece temas que aguçariam o gosto literário do povo.

Cabe explicar que Luis Vélez de Guevara e Félix Lope de Vega foram escritores espanhóis. O primeiro destacou-se como romancista e dramaturgo, continuador e adaptador de temas do segundo; e Vega como dramaturgo e poeta, sendo reconhecido no solo espanhol como um dos maiores nomes do teatro no século XVII. Dito isso, podemos entender que a escolha de Pilar del Hierro pelos dois autores transformados em personagens em sua obra não foi por acaso, mas como homenagem pelo tanto que contribuíram para o cenário literário espanhol e, também, porque escreveram sobre Inês de Castro e obtiveram grande sucesso com suas peças. De certa forma, são inspiração para a sua própria escritura, bem como mostrar que o tema também teve repercussão positiva em seu país.

A partir do segundo capítulo da narrativa temos o desenrolar da história de Inês de Castro desde a infância até a morte. Um aspecto interessante dá-se com a inserção da personagem Constança, esposa de Pedro. Na verdade, o romance toma como foco principal a relação de amizade entre Constança e Inês, colocando em segundo plano a relação amorosa entre Pedro e Inês. Essa é uma questão pertinente: a importância que se dá ao olhar feminino e o redimensionamento da história do casal. Se a história sempre foi contada a partir da ótica masculina, nessa produção literária, o protagonismo recai na voz feminina, e isso se configura como uma maneira de pensar acerca dos fatos históricos sob outras perspectivas. Ademais, Constança, por vezes, apenas citada tanto na historiografia, quanto em produções artísticas, nesta obra, tem importância imprescindível para o decurso dos acontecimentos. Além de investir no mito amoroso entre o casal, a autora inova por trazer a amizade entre as duas personagens femininas.

A narrativa constrói a imagem de Inês como uma mulher belíssima, com uma cabeleira loura, olhos azuis e “um certo magnetismo, a que não escapava ninguém que a contemplasse” (Del Hierro, 2006, p. 24). Sua figura é construída a partir de um ideal de beleza e sedução que acompanha toda a sua trajetória, e até mesmo morta se fazia esplêndida. Nesse aspecto, vemos um certo romantismo na construção da personagem, o que não se diferencia dos muitos textos literários que a mitificaram por

sua beleza estonteante, e isso fica claro em muitas passagens do romance: quando Constança, ao vê-la pela primeira vez, fica extasiada pela sua altivez; a corte portuguesa, Pedro e até o rei Afonso IV se veem seduzidos por tal beleza.

Inês, ainda adolescente, torna-se aia de Constança, após esta se encontrar em profunda melancolia por causa de um casamento mal-fadado. As duas desenvolvem uma conexão de respeito e cumplicidade, chegando a se transformar em irmandade e amor maternal, já que estão juntas nos momentos mais importantes desenvolvidos na obra: o casamento com Pedro, os nascimentos dos filhos de Constança e a morte precoce desta. Inês e Constança encontram na amizade o amor de mãe que lhes fora negado, já que ficaram órfãs tão cedo. A relação de amizade das duas torna-se ponto fulcral na obra, e podemos inclusive dizer que é uma amizade que também se estende além da morte. Mesmo após a morte da amiga, Inês nutre um sentimento de irmandade, que não se dissipa com o passar dos tempos. “Inês viveu a onipresença da recordação de sua amiga. Mesmo quando pensava em Pedro, a figura dele confundia-se com a da princesa morta” (Del Hierro, 2006, p. 101). Quando Pedro encerra o féretro de Inês no túmulo que mandara construir se depara com as suas “mãos descarnadas cruzam-se sobre o peito e continuavam a apertar a cruz que fora de D. Constança” (Del Hierro, 2006, p. 134). Isso confirma a fidelidade das duas, unidas por um sentimento que transcendeu os limites da vida.

Inês chega a Portugal como dama de companhia e logo chama a atenção do príncipe Pedro, o qual se apaixonou por ela. No entanto, no momento do enlace, constata que aquela por quem tinha se apaixonado não era sua futura esposa. A recíproca era verdadeira, pois Inês também começa a desenvolver o mesmo interesse pelo príncipe. Eles iniciam uma relação extraconjugal, no entanto, o remorso por trair a melhor amiga consome Inês, então ela decide se afastar do convívio com Pedro, a fim de esquecê-lo, e passa a viver no castelo de Albuquerque, até a morte de Constança.

Nos momentos finais da vida, Constança revela a Inês que era sabedora do amor que existia entre ela e Pedro e sugere que vivam felizes, já que ela estava prestes a partir.

Eu, que os conheço bem a ambos, sei que sois as duas metades de um todo. Não sofráis, não vos envergonheis. Não se pode lutar contra o amor. O príncipe respeitou-me, ama os filhos e foi um magnífico companheiro. Vós sois minha amiga e, em nome dessa amizade, fizeste

o impossível para resistir. Pois bem a partir de agora não será mais necessário (Del Hierro, 2006, p. 88).

Após a partida de Constança e o perdão adquirido pela traição, Inês sente-se extremamente melancólica e culpada. Por isso, como forma de expiar seu pecado, vai viver em um espaço agregado ao Convento de Santa Clara em Coimbra. Após um ano da morte de Constança, Pedro, percebendo que o seu amor por Inês não havia sido modificado, empreende uma viagem à Coimbra a fim de ficarem juntos, e, lá, iniciam um relacionamento que durou dez anos e do qual tiveram três filhos.

Pedro e Inês vivenciaram o amor num lugar sagrado, pois viviam no Convento de Santa Clara, em Coimbra. O lugar fora construído pela rainha santa Isabel<sup>4</sup>, porém, mesmo sabendo da proibição em não adentrarem ali amantes, as freiras são condizentes com a relação carnal do casal. Eles viveram por anos lá, onde, inclusive, tiveram filhos, e, com isso, houve a profanação do lugar. No romance, o comentário irônico está expresso na fala do rei Afonso IV, quando envia Inês para o convento: “Para vosso destino, pensei no Convento de Santa Clara, em Coimbra. Ali, as religiosas vos acolherão com gosto e satisfarão, graças ao dote que nos concederei, todas as vossas necessidades” (Del Hierro, 2009, p. 91). No excerto, observamos a ironia presente no comentário do narrador, afirmando que o dinheiro recebido pelas freiras se tornou mais importante do que a palavra da rainha Isabel, pois pelo dote recebido profanaram um lugar sagrado, aceitando e sendo conivente com uma relação de concubinato num ambiente de respeito e contemplação.

Os encontros de Pedro e Inês eram sempre regados de cortesia. Por isso, em toda a narrativa, é possível encontrar resquícios do amor cortês tão propagado no medievo. O amor cortês, arrebatador, submisso, contribuiu significativamente para a instituição do mito do amor romântico. Vejamos:

---

<sup>4</sup> Isabel de Aragão, a rainha santa, viveu no último quartel do século XIII e início do século XIV. Casou-se com D. Dinis, um dos trovadores mais renomados do medievo. Isabel de Aragão é uma das personalidades portuguesas que teve sua vida envolta numa aura de mistério, sempre envolvida em ações e atitudes voltadas para a contemplação do divino. Foi canonizada como Santa no dia 25 de maio de 1625, e, a partir daí, começam a prestar-lhe culto. Até os dias de hoje, comemora-se o dia de sua morte em 4 de julho, e as Festas do Espírito Santo, criadas por ela, são mantidas como tradição em Portugal. Isabel era mãe de Afonso IV e avó de Pedro.

– Inês, minha Inês, Haveis finalmente respondido ao meu pedido! Que tormento não teria preferido para não ter de passar tantos e tão longos meses afastado de vós! – Alteza, temos de falar. Inês conseguira, por fim, soltar-se. – Alteza? Não, para vós sou Pedro, o vosso Pedro. Perante vós, sinto-me igual ao último dos meus servidores, ao mais humilde dos meus pajens. Porque vós sois a minha única senhora. [...]. – Sabeis, Inês, que nem as mais altas cercas de um convento conseguirão apartar-me de vós. Escalarei muros, profanarei altares, afastarei do caminho abadessas ou noviças. Vós sois o meu Deus e o meu norte, o rumo e a estrela que me guia [...] (Del Hierro, 2006, p. 70).

No trecho acima, constatamos a cortesia utilizada pelos personagens ao falarem da relação amorosa que vivenciavam de forma proibida. “Assim, a relação de entrega do amador à Dama é traduzida em termos das instituições feudo-vassálicas, ocupando a Dama a posição da suserana a quem o poeta deve fidelidade” (Barros, 2008, p. 6-7). Pedro, nesse caso, torna-se vassalo de Inês por cultuar a sua beleza, e, por conseguinte, ultrapassar os limites da proibição em nome desse amor extasiante. Como comumente é visto nas cantigas de amor, o homem dedica homenagens a dama escolhida pondo-se à sua disposição e elegendo-a como um deus a ser cultuado.

Como era esperado, o rei Afonso IV interfere na relação dos amantes ao temer possíveis represálias políticas, pelo fato do filho se envolver com uma mulher indigna para ocupar o cargo de futura rainha. Desde quando Inês chega a Portugal na companhia de Constança causa um certo estranhamento no rei, principalmente por Inês apresentar uma maneira diferente de comportamento comparando-se às moças da corte.

Inês apresenta-se como uma personagem inconformada com os ditames atribuídos ao sexo feminino, ao contrário de Constança, sempre submissa e consciente de sua função: casar e gerar filhos.

A amiga mais sonhadora. Apaixonava-se com facilidade e em várias ocasiões havia suspirado ante os requebros de algum cortesão. Além do mais, recusava-se a aceitar as limitações próprias da sua condição de mulher. Certamente gostava tanto do arranjo pessoal como dos livros, dos bailes como das rezas, mas, para desespero da ama, obstinava-se em lançar-se a galope pela veiga, ou a conversar com os rapazes que haviam sido companheiros de folguedos infantis, a quem agora, já crescidos, devia mostrar a reserva aconselhada pela sua condição de donzela. Uma e outra vez, evocando a figura de D. Maria de Molina, discutia com mestres prelados as razões por que o mundo

das armas e das letras estava vedado às mulheres, recusando-se a aceitar que estas devessem limitar-se ao papel de sujeitos passivos na vida. Quando farta do discurso, Constança lhe perguntava o que faria se pudesse mudar a situação, calava-se, matutava durante uns segundos, para a seguir responder:

– Não sei, mas não é justo (Del Hierro, 2006, p. 38-39).

A personagem, então, é retratada com altivez, sonhadora e destemida. Subvertia as normas da época condizentes à sua condição de donzela para realizar os seus anseios. Além disso, era uma mulher sábia, inconformada em saber que a mulher não era avisada ou mesmo interrogada da decisão de casar-se. Inês não compreendia como a mulher podia ser considerada e tratada como uma moeda de troca, servindo apenas para engrandecer a política de reinos, cuidar de filhos e marido, não podendo ler o que quisesse e nem participar de conversas relacionadas ao “mundo das armas e das letras”. Por meio dessa produção literária, é exposta a vida cotidiana das mulheres do século XIV, promovendo um possível questionamento que pairava as mentes das moças da época. Esses relances configura uma narrativa preocupada em retratar o feminino, evidenciando a mulher no meio social e uma certa consciência de gênero. De certa forma, tais questionamentos ainda reverberam nos dias de hoje, no que concerne aos assuntos do amor, da leitura, escrita e da liberdade feminina. Talvez, por tais atributos, Inês era tão temida e admirada: justamente, por se distanciar dos modelos propagados na época.

A narrativa sugere ainda que o rei Afonso IV também se deixou envolver por sua beleza e caráter destemido. Logo no primeiro encontro com o rei, ela quebra o protocolo real e fala sem ser autorizada. Desse momento em diante, toda vez que Inês se dispôs diante do rei foi com um aspecto de valentia e identidade. Como já mencionado, o pai do príncipe não foi conivente com o relacionamento do filho com a dama de companhia da nora, no entanto, no romance, a afirmação para a não aceitação não era apenas por questões políticas e dinásticas, mas porque o rei se sentia enciumado. O romance incita o leitor a pensar sobre a possibilidade de que todo aquele desconforto apresentado pelo rei em presença de Inês decorria do fato de ele também estar encantado e enamorado pela beleza da dama galega. A voz narrativa discute:

Considerava que o comportamento do filho era indigno e irresponsável, embora não deixasse de perguntar a si próprio se aquela

irritação era provocada apenas pela conduta do filho ou se nela entravam também os sentimentos contraditórios que Inês lhe despertara. Aquela mulher belíssima que jamais se sentira intimidada na sua presença, que sempre demonstrara um perfeito domínio da situação, desconcertava-o, principalmente agora, ao não demonstrar qualquer ambição de sentar-se no trono (Del Hierro, 2009, p. 100).

Em seguida, inicia uma série de questionamentos que culmina na ideia do sutil interesse amoroso do rei Afonso pela amante do filho. Ao recorrer aos questionamentos, o narrador leva o leitor a refletir sobre as diversas lacunas deixadas pela história, enfatizando a relevância da ficção no momento em que se cria uma história alternativa. Segue a passagem que se supõe o interesse que Inês despertara no rei:

Não havia dúvidas de que Inês transportava consigo os mistérios da sua terra, as artes daquelas feiticeiras que desde tempos remotos a povoaram. A não ser assim, como explicar aquele violentíssimo desejo que fizera despertar nele, quando a idade avançada já o tinha obrigado a esquecer tais ânsias? Como entender que, desde então, os seus lábios ambicionassem beijar aquele colo alvíssimo e os seus braços quisessem rodear aquele corpo que, de tão esbelto, parecia poder quebrar-se? (Del Hierro, 2009, p. 100).

Isso leva a refletir que, talvez por não ter seus anseios correspondidos, o rei optou pelo assassinato de Inês. É pertinente salientar que a contemplação da beleza física de Inês possibilitou:

O Rei a tremer. Por momentos, sentiu-se perturbado. Inês era, sem dúvida, uma mulher muito bela, pensou. Deteve-se um instante nos seus olhos garços, na curvatura perfeita do pescoço. A seguir, o olhar dele desceu para o decote e para o abismo tentador do início do peito (Del Hierro, 2006, p. 78).

A admiração dedicada a Inês apresenta-se como um possível amor reprimido do rei pela amante do filho. Essa passagem explicita esse amor que deveras sentia, e esse sentimento era estimulado pelo físico de Inês. Tal como ocorreu em diversas produções literárias, a exaltação pela beleza de Inês, a do colo de garça, também se faz presente nessa narrativa, o que reafirma e reatualiza o mito inesiano, no que se refere à exaltação romântica que se formou em torno de sua beleza exuberante.

Outro aspecto que contribuiu para a propagação do mito inesiano refere-se à entrevista que teve com o rei Afonso IV antes da morte. No romance *Inês de Castro* (2006), há a subversão da história, pois este apresenta não uma argumentação direta ao rei, mas um esclarecimento aos enviados do rei para o assassinato: Pedro Coelho, Diogo Lopes Pacheco e Álvaro Gonçalves. Inês assegura que mesmo morta continuaria viva na memória do amado e que isso não faria que o amor de ambos cessasse.

Podeis expulsar-me do País, podeis despojar-me das riquezas, podeis até matar-me. Mas nunca, ouvi-me bem, nunca podereis arrancar-me do coração do meu esposo! Ele ama-me com um amor que está muito para além do bem e do mal, da vida e da morte. Ficarei sempre, sempre, com ele. Viva ou como uma recordação. Não vos vou rogar por mim. Não espero a vossa misericórdia. Mas vou fazê-lo, isso sim, pelos meus filhos. Cumpri a vossa missão, mas salvei essas crianças. Não vos esqueçais de que o sangue que lhes corre nas veias é também o de D. Afonso, o vosso Rei (Del Hierro, 2009, p. 123-124).

Aqui há uma outra versão do episódio que contribuiu para a propagação do mito inesiano. A narradora apresenta um diálogo audacioso da personagem Inês de Castro com os seus algozes. Pede clemência pelos filhos e ainda lembra que, mesmo que morra, os filhos continuarão com o sangue nobre. Nesse sentido, “o mito modifica-se, recuperado e metamorfoseado pelas exigências e pelo imaginário do momento” (Brunel, 2005, p. 387). Há uma recuperação do mito, mas revestido com outras nuances, adaptado a outras maneiras de pensar. Após o diálogo de Inês com os enviados do rei, ocorre o seu fim trágico.

– Então, empunhando a espada, o cavaleiro acercou-se de D. Inês e, depois de lhe jurar que não faria mal aos seus filhos, ordenou-lhe que fechasse os olhos e descarregou a espada sobre ela. Em segundos, o vestido tingiu-se de sangue e no seu colo alvo abriu-se uma ferida por onde a vida se lhe escapou (Del Hierro, 2009, p. 124).

É pertinente comentar quanto à representação do assassinato de Inês no romance. Todo o trágico acontecimento é descrito pela personagem Teresa Lourenço, noviça do convento onde Inês residia, não diretamente pela voz narrativa que vinha relatando os acontecimentos. A personagem relata detalhadamente os últimos passos da amante de Pedro até a culminância da morte. E esse é um aspecto relevante, principalmente

porque não há a exposição dos fatos por uma voz em terceira pessoa, mas uma mulher os expõe. O que parece é que a romancista procurar colocar as mulheres no centro dos momentos mais importantes da trama, a fim de demonstrar que a construção literária investe nesse protagonismo feminino.

A personagem relata que antes dos algozes aparecerem, Inês estava lendo no jardim. Pedro insiste em saber o que ela lia, e Teresa confirma que estava a ler *Tristão e Isolda*, obra presenteada pelo príncipe. Aqui cabe uma observação pertinente quando se pensa sobre o mito do amor romântico. Assim como aconteceu a tragicidade e a impossibilidade do amor entre Tristão e Isolda, o mesmo aconteceu com Pedro e Inês. Há, de certa forma, uma conexão entre as histórias o que confirma a posição narrativa em enaltecer o mito do amor impossível na história do casal português.

Cabe ainda refletirmos sobre a inserção da personagem Teresa Lourenço como sendo imprescindível para o desfecho da história. Historicamente, Teresa foi amante do príncipe após a morte de Inês e teve um filho, João, aquele que formaria a Dinastia de Avis<sup>5</sup> em Portugal. Pouco se sabe sobre a sua vida. No romance, assim como Constança, ela tem um certo protagonismo. Apesar da narrativa dedicar-se a sensibilizar o leitor dos amores de Pedro e Inês e exaltá-la em vários momentos, também mostra que essas outras mulheres também tiveram importância na história dos dois e, conseqüentemente, para a história de Portugal. Com isso, subverte-se sutilmente o endeusamento a que se atribuiu a figura de Inês a tornando protagonista em todos os momentos de sua história. Isso quer dizer que Pilar ora confirma/reatualiza o mito inesiano, ora questiona, proporcionando outros traços de reflexão e/ou transgressão.

---

<sup>5</sup> “Segunda dinastia a reinar em Portugal, de 1385 a 1433. Todos os seus membros foram importantes, mas damos especial ênfase a D. João I e aos seus filhos, uma vez que são conhecidos pelos grandes feitos por eles conseguidos, na área da expansão marítima, na cultura e nas artes e, até, nas novas técnicas aplicadas na governação do país. Referimo-nos a D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique, D. João e D. Fernando, conhecidos como Ínclita Geração, assim denominada por Camões n’*Os Lusíadas*. D. João I era casado com D. Filipa de Lencastre e, tanto ele, como ela, souberam e fizeram questão, de educar os filhos com conhecimentos nas mais variadas áreas, o que faz com que, mais tarde, venham, inclusivamente, a escrever e a traduzir obras que ficaram para sempre lembradas como marcos na nossa história.

“A Ínclita Geração jaz, à exceção de D. Duarte, que construiu o seu próprio panteão, na Capela do Fundador do Mosteiro da Batalha, primeiro Panteão Régio a ser construído em Portugal”.  
Informação disponível em:  
[http://www.mosteirobatalha.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=177&identificador=bt126\\_pt](http://www.mosteirobatalha.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=177&identificador=bt126_pt).  
Acesso em: 27 nov. 2023.





Esses aspectos místicos parece ser uma constante na produção literária de Pilar, pois tais pesadelos aparecem em outras obras, a exemplo do romance *Memórias da rainha santa* (2009), o qual traz a história da rainha santa Isabel, avó de Pedro. Neste, a personagem Isabel tem um sonho premonitório apontando para a morte de Inês naquele espaço sagrado que a rainha havia construído.

Diante do que foi exposto nessa breve análise, asseveramos que a reinterpretação do mito inesiano feita por Pilar del Hierro, além de contribuir para a propagação das histórias dos amores de Pedro e Inês, desenvolve um olhar mais problematizador para os episódios que a mitificaram, possibilitando aberturas diferentes de análises. Ademais, o romance homenageia Vélez de Guevara e Lope de Vega que contribuíram fortemente para a propagação do mito inesiano em solo espanhol.

Nesse sentido, a obra ficcional ora discutida com todos os seus recursos traz-nos uma narrativa envolvente, em que a voz narrativa busca pormenorizar os principais acontecimentos da história do casal português e da personalidade enigmática de Inês de Castro. Além disso, objetiva valorizar figuras que ficaram em segundo plano na historiografia, como Constança Manuel e Teresa Lourenço, bem como problematizar a presença da mulher na literatura, seja como personagem, seja como dona de suas vontades em busca de uma vivência mais autônoma. Fazendo alusão a Jabouille, Pilar del Hierro, ao compor sua obra, investe na recuperação do mito inesiano por meio da “materialização renovada de temas, de estruturas e de personagens” (Jabouille, 1993, p. 42).

No fim do livro, Pilar del Hierro dedica algumas páginas de acréscimo para discutir de forma breve sobre a presença de Inês de Castro na história, na literatura e na arte. Menciona que:

Conspiradora ou vítimas de ambições alheias, Inês de Castro continua a seduzir todos aqueles que se acercam da sua figura. A história é tão sugestiva, e possui um tal encanto poético, que ultrapassa o rigor documental. E a última vítima desta circunstância é possivelmente quem subscreve estas linhas. A intenção inicial de desvendar, seguindo as normas da historiografia, a verdade que se escondia na lenda, depressa se viu ultrapassada pela força das situações e pela atracção das personagens.

Peço desculpa à História, e a quem a escreve, pelas liberdades tomadas quanto a datas e factos. E também àqueles mestres da

literatura que antes deram voz a personagem. A verdade não estará, certamente, no âmbito da literatura ou da história, mas no reconhecimento de que Inês de Castro foi uma mulher dotada de um carisma especial e que a sua história de amor é uma das mais belas jamais escritas (Del Hierro, 2009, p. 145-146).

A autora encerra, enfatizando que, por mais que tenha tentado em alguns momentos narrar os fatos do mito inesiano contrário à historiografia, foi, de certa forma, impossível, pois a literatura consolidou os amores de Pedro e Inês de forma tão significativa, que se viu totalmente envolvida pelos discursos difundidos no âmbito literário, e isso, fez com que buscasse na literatura inspiração para construir a sua narrativa. Por isso, termina pedindo desculpa a História e a quem a escreve, pelas liberdades tomadas na elaboração das personagens, fatos, datas e, conseqüentemente, no enredamento da narrativa, pois sugere uma possível transgressão ao compor a história de Inês.

Campbell (1990) afirma que as pessoas se transformam em mitos quando se tornam um modelo para a vida dos outros. Nesse sentido, essas pessoas passam a ser mitologizadas, pois fazem algo na sociedade que todos tomam como modelo e passam a exaltá-las. No caso de Inês, foi o amor proibido que vivenciou e toda a tragicidade envolta em sua vida que a tornaram conhecida e exaltada, sendo, portanto, modelo no que se refere ao tema do amor romântico. A obra que analisamos enaltece a figura de Inês como sedutora de poetas e artistas, mas também por, de alguma maneira, nos ensinar sobre algo. De qualquer forma, na esteira de Joseph Campbell (1990, p. 6), o que importa é a maneira como o mito ensina, passa alguma experiência a quem se depara com ele: “eles (os mitos) ensinam que você pode se voltar para dentro, e você começa a captar a mensagem dos símbolos. [...] O mito o ajuda a colocar sua mente em contato com essa experiência de estar vivo”.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, José D'Assunção. Os trovadores medievais e o amor cortês – reflexões historiográficas. *Alethéia*, v. I, n. 1, 2008.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- DEL HIERRO, María Pilar Queralt. *Inês de Castro*. Lisboa: Presença, 2006.

DEL HIERRO, María Pilar Queralt. *Memórias da Rainha Santa*. Tradução de Saul Barata. 6. ed. Lisboa: Esfera dos Livros, 2009.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

JABOUILLE, Victor. *Mito e literatura*. 2 ed. Portugal: Inquérito, 1993.

JABOUILLE, Victor. *Iniciação à ciência dos mitos*. 2 ed. Portugal: Inquérito, 1994.

MARINHO, Maria de Fátima. Inês de Castro: outra era a vez. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, II série, v. 7, p. 103-136, 1990.

MOISÉS. Massaud. *A literatura portuguesa*. 37 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

SOUZA, Maria Leonor Machado de Souza. *Mito e criação literária*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

SOUZA, Maria Leonor Machado de Souza. *Inês de Castro um tema português na Europa*. Lisboa: Edições 70, 1987.

SOUZA, Maria Leonor Machado de Souza. *Inês de Castro na literatura portuguesa*. Portugal: Biblioteca Breve, 2010.

Recebido em 27 de fevereiro de 2023

Aprovado em 28 de novembro de 2023

Licença: 

Simone dos Santos Alves Ferreira

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. Mestra e graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.

Contato: [alvessimone555@gmail.com](mailto:alvessimone555@gmail.com)

: <https://orcid.org/0000-0002-5659-6267>